

A QUESTÃO DA SIGNIFICAÇÃO NA LÍNGUA PARA BENVENISTE E PARA BAKHTIN: É POSSÍVEL UMA APROXIMAÇÃO?

Vera Lúcia Pires¹

Ana Beatriz Ferreira Dias²

vera.pires@terra.com.br

ana.bdias@hotmail.com

RESUMO: Neste artigo, tentamos nos aproximar de uma das questões mais complexas na história da Linguística: o problema da significação na língua. Para isso, nossas discussões estão centradas nas definições de Benveniste e de Bakhtin sobre a significação da língua, tentando aproximar o enfoque desses dois autores acerca de um mesmo assunto. Trata-se de uma possível leitura em que procuramos observar certos aspectos que parecem comuns na forma como Benveniste e Bakhtin refletem sobre a significação na língua. Nesse sentido, optamos pelo viés que talvez seja o mais polêmico – o de estabelecer pontos de contato entre esses dois grandes lingüistas, como observa Pires (2004). Para estabelecermos essas relações, tomamos como base principalmente as unidades que, na perspectiva de Benveniste e Bakhtin, integram a significação como um todo. Para o primeiro autor, a significação pode ser observada por meio dos níveis *semântico* e *semiótico* e, para o segundo, a significação é composta pelo *tema* e *significação* (sentido particular do termo). Com base nos textos *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929), de Bakhtin/Voloshinov (1990), e os seguintes textos de Benveniste (1989), *A forma e o sentido na linguagem* (1966), *Semiologia na língua* (1969) e *O aparelho formal da enunciação* (1970), comparamos, de um lado, os modos *semiótico* (Benveniste) e *significação* (Bakhtin) e, por outro, os modos *semântico* (Benveniste) e *tema* (Bakhtin).

PALAVRAS-CHAVE: significação; sentido; forma.

INTRODUÇÃO

Benveniste e Bakhtin reconhecem que a significação na língua é um dos problemas mais complexos para a Linguística. Tanto é difícil essa questão que Bakhtin/ Voloshinov, no capítulo *Tema e significação na língua*, de *Marxismo e filosofia da Linguagem* (1990), e

¹ Prof.^a. Dra. do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM e do Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter (POA) .

² Mestranda em Letras, área de Estudos Lingüísticos do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.

Benveniste, no capítulo *A forma e o sentido na linguagem*, de *Problemas de Linguística Geral II* (1989), iniciam os seus textos comentando justamente sobre a complexidade da significação.

Mas, no que consiste a significação?

De forma geral, pode-se afirmar que tanto para Benveniste quanto para Bakhtin a significação faz parte da natureza da linguagem, é uma propriedade que lhe é intrínseca. De acordo com Benveniste (1989), “antes de qualquer coisa a linguagem significa, tal é o seu carácter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções no meio humano” (Ibid.: 222).

Tendo isso em vista, Bakhtin e Benveniste apresentam, cada um a seu modo, uma forma de conceber a significação da língua. Baseados em pressupostos diferentes que consistem em maneiras diferenciadas de abordar a significação na língua, esses dois autores propõem duas visões acerca da significação. No entanto, acreditamos ser inevitável não observar algumas semelhanças entre esses dois ‘modelos’ de significação.

No seu texto *A forma e o sentido na linguagem*, Benveniste (1989: 221) menciona que abordará a significação do seu ponto de vista pessoal, próprio. Além disso, afirma que não há um “ponto de vista que seja comum” aos lingüistas no que se refere ao estudo da significação. Entretanto, talvez exista sim algo que acabe por unir o pensamento de Bakhtin e Benveniste. Algo que seja semelhante ao que Faraco (2001b) denominou de “linhagem de pensamento” para se referir a uma determinada visão de mundo comum a certos pensadores.

Cabe a pergunta: é possível uma aproximação entre as duas abordagens? Acreditamos que sim. Ainda assim, cabe destacarmos que o objetivo deste estudo não é o de responder a essa questão. Ao contrário disso, expomos aqui algumas reflexões como uma tentativa de dialogar com outros tantos textos, a fim de buscarmos compreender algumas idéias sobre a teoria desses dois grandes lingüistas.

Trata-se de uma discussão entre alguns aspectos do estudo de Benveniste e de Bakhtin que apenas é possível reconhecendo que são estudiosos que revelam o seu pensamento a partir de posições teóricas essencialmente distintas. Para tanto, servem como base para este estudo *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929), de Bakhtin/Voloshinov (1990), e os seguintes textos de Benveniste (1989): *A forma e o sentido na linguagem*, *Semiologia na língua* e *O aparelho formal da enunciação*. Também utilizamos como base para esta discussão alguns textos críticos sobre os processos de significação desses dois autores.

1. A SIGNIFICAÇÃO NA LÍNGUA

Para Benveniste e para Bakhtin o problema da significação na língua envolve duas formas de significância, uma relacionada ao sistema abstrato de formas lingüísticas, semelhante ao que propõe Saussure, e a outra relacionada ao uso da língua num determinado momento de enunciação. No primeiro caso, importa a relação entre os signos, no interior de um sistema lingüístico, e, no segundo, a relação dessas formas lingüísticas com as condições de uma enunciação.

Na perspectiva de Pires (2004), esses autores refletem sobre a significação em função de oposições estabelecidas no interior do sistema da língua ou exterior a ele. De acordo com Benveniste (1989), a língua apresenta uma dupla significância: uma ao nível *semiótico* e a outra ao nível *semântico*. Já para Bakhtin, os modos de *significação* e de *tema* são integrantes da significação da língua como um todo.

No que tange ao pensamento bakhtiniano, distinguir entre tema e significação, observando a relação entre eles, é uma forma de constituir uma ciência sólida da significação. Uma investigação da significação (no sentido geral) de uma palavra pode levar, segundo o autor, a duas direções distintas: a investigação do tema, que abrangeria a significação contextual de certa palavra em determinadas condições de enunciação; ou a investigação da significação, que trataria da significação da palavra no sistema lingüístico, correspondendo à investigação da palavra dicionarizada.

No entanto, uma observação torna-se fundamental: ainda que tema e significação possam ser diferenciados, esses elementos estão intrinsecamente relacionados:

bem entendido, é impossível traçar uma fronteira mecânica absoluta entre a significação e o tema. Não há tema sem significação, e vice-versa. Além disso, é impossível designar a significação de uma palavra isolada [...] sem fazer dela o elemento de um tema, isto é, sem constituir uma enunciação, um “exemplo”. Por outro lado, o tema deve apoiar-se sobre uma certa estabilidade da significação; caso contrário, ele perderia, em suma, o seu sentido (BAKHTIN, 1990: 129).

Talvez nos estudos de Émile Benveniste, os níveis sobre os quais a significação se apóia não estejam tão dependentes um do outro como em Bakhtin, e a distinção entre semântico e semiótico parece mais arraigada. Os exemplos seguintes podem ilustrar essa interpretação:

Ela [a língua] é investida de uma DUPLA SIGNIFICÂNCIA. Trata-se propriamente de um modelo sem analogia. A língua combina dois modos distintos de

significância, que denominamos modo SEMIÓTICO por um lado, e modo SEMÂNTICO, por outro (BENVENISTE, 1989: 64).

“A língua é o único sistema em que a significação se articula assim em duas dimensões” (BENVENISTE, 1989: 66).

Ou no exemplo abaixo, no qual o autor argumenta sobre a necessidade de se opor a forma e o sentido:

Opor a forma ao sentido é uma convenção banal e os próprios termos parecem assim usados; mas se nós tentarmos reinterpretar esta oposição no funcionamento da língua integrando-a e esclarecendo, ela retoma toda a sua força e sua necessidade; vemos então que ela contém em sua antítese o ser mesmo da linguagem, pois eis que de um só golpe ela nos coloca no centro do problema mais importante, o problema da significação (Ibid.: 222).³

Essa distinção, marcada entre os níveis semântico e semiótico, pode ser decorrente da filiação de Benveniste ao pensamento saussuriano, uma vez que muitas das idéias do autor encontram traços no estruturalismo. Em Bakhtin, como observamos acima, não é possível demarcar uma fronteira nítida entre tema e significação; isso pode ser decorrência do próprio pensamento bakhtiniano, como acredita Pires (2004): ao trabalhar a forma e o sentido como substância da língua, Bakhtin superou a dicotomia forma-conteúdo, integrando, assim, à organização da lingüística a experiência social.

Benveniste, ainda que seja um “estrito saussuriano”, por um lado, como observa Trois (2004: 33), também superou o mestre genebrino. Trois (Ibid.) e Normand (2006) consideram que, no geral, foi o estudo de Benveniste sobre a significação da língua que o fez “superar” Saussure, já que ele buscou “romper a barreira” do sistema fechado da língua, ainda que o conservasse em muitos momentos de seu estudo:

Nunca abandonar a língua, na sua matéria significante, em suas estruturas comuns, no seu aparelho “semiótico”, mas conciliar esse gesto saussuriano com a singularidade subjetiva, com a comunicação sempre situada, com o “acontecimento inebriante” que é todo enunciado. Analisar “o semântico”, eis a proposta de Benveniste (NORMAND, 2006:19).

Mesmo que esses modelos de significação sejam essencialmente distintos, os elementos tema/significação (Bakhtin) e semântico/semiótico (Benveniste) podem ser equiparados. Talvez existam até mais semelhanças entre eles do que diferenças...⁴

³ Podemos considerar que a forma e o sentido, no nível semiótico, são definidos no interior de um sistema de signos convencionalmente empregados, enquanto que, no âmbito do semântico, forma e sentido se definem no uso da língua, em determinadas condições de enunciação.

⁴ Essa questão é apenas uma impressão particular.

2. OS NÍVEIS DE SIGNIFICAÇÃO

Definidos alguns aspectos da significação, podemos, então, notar certas semelhanças entre o modo *semântico* e o de *tema*, bem como entre o nível *semiótico* e o de *significação*. Para destacarmos algumas dessas semelhanças, definiremos cada um desses níveis, traçando paralelos entre eles.

Em relação ao modelo de significação expresso por Bakhtin, o tema, como uma das dimensões da significação, “é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ele pertence. Somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui tema” (BAKHTIN, 1990: 129). Nesse sentido, o autor observa que a enunciação “que horas são?” tem um sentido diferente toda vez em que é proferida, o que resulta, sempre, em um tema distinto.

Além do tema, a enunciação também é constituída por uma significação. A significação refere-se aos elementos da enunciação que são reiteráveis, únicos e idênticos a si mesmos toda vez que são repetidos. Esses elementos servem como um *aparato técnico para a realização do tema*, nas palavras de Bakhtin (Ibid.: 129).

Quanto á significação, a enunciação “que horas são?” será sempre a mesma em todas as ocasiões em que for expressa. A significação de cada uma dessas palavras acaba por constituir a composição dessa enunciação, assim como as relações sintáticas e morfológicas entre elas.

É possível observarmos que, assim como a significação, o nível semiótico se refere à forma de significar dos elementos lingüísticos no interior de um sistema de signos:

[...] cada signo entra numa rede de relações e de oposições com os outros signos que o definem, que o delimitam no interior da língua. Quem diz “semiótico” diz “intralingüístico”. Cada signo tem de próprio o que o distingue dos outros signos. Ser distintivo e ser significativo é a mesma coisa (BENVENISTE, 1989: 228).

Os elementos do nível semiótico são, de acordo com Benveniste (1989: 233), *conceituais, genéricos e não circunstanciais*, assim como os elementos dispostos no âmbito da significação, que, segundo Bakhtin (1990: 129), são *reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos*, sendo, portanto, *elementos abstratos*.

Diferentemente é a forma de significar no âmbito do semântico, que se aproxima do tema. O nível semântico introduz o domínio da língua em uso e em ação e, conseqüentemente, está diretamente relacionado às condições de uma enunciação concreta. Assim, “a ordem

semântica se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso” (BENVENISTE, 1989: 66).

Torna-se fundamental destacar que, no uso da língua, os elementos do nível semiótico integram o semântico, assim como as formas lingüísticas da significação compõem o tema de uma enunciação:

Ora, as palavras, instrumentos da expressão semântica, são materialmente os signos do repertório semiótico. Mas, estes signos, em si mesmos conceptuais, genéricos, não circunstanciais, devem ser utilizados como “palavras” para noções sempre particulares, específicas, circunstanciais, nas acepções contingentes do discurso [...]. Sobre esse fundamento semiótico, a língua discurso constrói uma semântica própria, uma significação intencionada, produzida das palavras em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor enquanto signo. (BENVENISTE, *Op. cit.*: 233-234).

a significação não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um potencial de significar no interior de um tema concreto” (BAKHTIN, *Op. cit.*, p. 131).

Além disso, o fato de a significação como um todo ser constituída de um nível inferior (no sentido de base) e de um nível superior de significância acaba por aproximar os processos de significação na língua: semiótico e significação integram a capacidade inferior da significação na língua, enquanto que semântico e tema pertencem ao estágio superior dessa mesma capacidade.

Notamos ainda que, nestes dois ‘modelos’ de significação da língua expressos por Benveniste e Bakhtin, determinadas unidades são características de cada um dos níveis. Semiótico e semântico assim como tema e significação apresentam, cada um desses quatro modos, elementos particulares que o integram.

Benveniste (1989) claramente explicita que a unidade do nível semiótico é o signo lingüístico, enquanto que a palavra é a unidade do semântico. Em Bakhtin (1990), também é possível atribuir ao tema e à significação elementos particulares, no entanto, suas denominações não são as mesmas veiculadas por Benveniste. O sinal pode ser considerado como pertencente à significação da enunciação, já o signo e a palavra (não no sentido de signo neutro e de palavra neutra, mas de signo e palavra marcados pela ideologia), constituem a unidade do tema da enunciação.

O critério para que cada unidade pertença a um respectivo modo de significação também pode ser observado para que os domínios de significação sejam diferenciados.

Conforme Benveniste (*Ibid.*: 66), a distinção entre os universos semiótico e semântico também é evidenciada por meio do *critério de validade* que é exigido em um ou em outro

nível de significação: as formas lingüísticas do modo semiótico (do signo) devem ser *reconhecidas*, enquanto que os elementos do semântico (da palavra) devem ser *compreendidos*:

A distinção entre reconhecer e compreender remete a duas capacidades distintas: “a de perceber a identidade entre o anterior e o atual, de uma parte, e a de perceber a significação de uma enunciação nova, de outra” (BENVENISTE, *Op. cit.*: 66).

Essas propriedades de reconhecimento e compreensão dos elementos lingüísticos podem ser comparadas às condições de *sinalidade* (identificação) e *descodificação* (compreensão) das formas lingüísticas expressas por Bakhtin. Em relação ao componente *sinalidade*, este só pode ser identificado no interior do sistema lingüístico, ou seja, pode ser reconhecido, mas não compreendido:

o sinal é uma entidade de conteúdo imutável; ele não pode substituir, nem refletir, nem refratar nada; constitui apenas um instrumento técnico para designar este ou aquele objeto [...] ou este ou aquele acontecimento. O sinal não pertence ao domínio da ideologia; ele faz parte do mundo dos objetos técnicos, dos instrumentos de produção no sentido amplo do termo (BAKHTIN, *Op. cit.*: 93).

O sinal, bem como o seu correlato, a identificação, existem apenas como constituintes da língua como um todo. A pura *sinalidade* não tem existência real na língua; esse componente, segundo o autor, é dialeticamente absorvido pela nova qualidade do signo (isto é, da língua como tal) (Ibid.: 94).

Nesse sentido, o processo de identificação não deve ser confundido com um processo que é típico dos signos, a *descodificação* ou *compreensão*. São dois processos essencialmente diferentes: apenas o sinal é *identificado*. O signo é *descodificado*.

A *descodificação* (*compreensão*) de uma forma lingüística não ocorre com a sua identificação como sinal, mas com a compreensão da palavra no seu sentido particular: “o essencial na tarefa de descodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular” (BAKHTIN, *Op. cit.*: 93).

Assim, no sistema interno da língua (significação/semiótico), são *identificadas* as formas lingüísticas, sejam elas sinais (para Bakhtin), sejam elas signos (para Benveniste). No âmbito da significância da enunciação (tema/ semântico), são *compreendidas* (ou também *descodificadas*, para Bakhtin) as formas lingüísticas, transformadas em signos (para Bakhtin) ou palavras (para Benveniste).

Cabe ressaltar que significação e tema, semiótico e semântico estão intrinsecamente ligados à língua como um todo. Entretanto, se esses domínios forem tomados separadamente, não integrando a totalidade da língua, mas constituindo cada um deles um modo de significação abstrato, é possível formular um campo semântico de cada um desses modos, com o objetivo de compreendê-los.

A seguir (quadro 1), um esquema com o campo semântico dos modos de significação na língua, conforme as aproximações entre semiótico e significação e entre semântico e tema, com o intuito de tornar didática esta discussão:

MODOS DE SIGNIFICAÇÃO NA LÍNGUA PARA BENVENISTE E PARA BAKHTIN: APROXIMAÇÕES	
SEMIÓTICO (BENVENISTE) SIGNIFICAÇÃO (BAKHTIN)	SEMÂNTICO (BENVENISTE) TEMA (BAKHTIN)
▪ Sistema	▪ Enunciação, discurso
▪ “Instrumento”, “aparato técnico” para a realização do tema e do modo semântico da língua	▪ Formas lingüísticas + elementos não verbais
▪ Elementos reiteráveis, idênticos a si mesmos, abstratos	▪ Irrepetível, único, particular
▪ Sem qualquer relação com o contexto extraverbal	▪ Contexto imprescindível
▪ Identificação	▪ Compreensão
▪ Unidades: Sinal (Bakhtin) Signo (Benveniste)	▪ Unidades: Signo (Bakhtin) Palavra (Benveniste)

Quadro 1: Modos de significação na língua para Benveniste e para Bakhtin: aproximações

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num nível de interpretação possível entre os modos de significação veiculados por Benveniste e Bakhtin, parece ser possível aproximar os pensamentos desses dois autores. Em se tratando de uma das possíveis interpretações que podem ser feitas, é importante destacarmos que, neste trabalho, apresentamos um ponto de vista, que obviamente pode ser refutado ou não.

De acordo com Pires (2004), há muitas formas de se aproximar o pensamento desses dois autores e talvez o viés mais polêmico, para essa autora, seja justamente o de encontrar as

semelhanças entre eles. Ainda que seja “polêmica” a tarefa de encontrar semelhanças, ela é viável, como se observa no argumento de Pires (2004):

É que me parece impossível, tendo os dois trilhado caminhos epistemológicos análogos, a saber, a fenomenologia hegeliana e Kant, estarem tão distantes no que concerne aos princípios da teoria da enunciação (PIRES, 2004: 237).

Convém observarmos que Bakhtin (1990), ao tratar do problema da significação, o faz de uma perspectiva da *compreensão ativa*, definida, segundo o autor, como uma forma de diálogo. Compreender consiste em contrapor às palavras do locutor uma contrapalavra:

qualquer tipo genuíno de compreensão deve ser ativo e conter já o germe de uma resposta [...]. Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente [...]. Assim, cada um dos elementos significativos isoláveis de uma enunciação e a enunciação toda são transferidos nas nossas mentes para um contexto ativo e responsivo (BAKHTIN, 1990: 132-133).

É, portanto, o princípio dialógico que perpassa a sua noção de enunciação e, conseqüentemente, de significação da língua. Do ponto de vista de Dias (2005), a enunciação, para Bakhtin, é a orientação da palavra para uma determinada situação de mundo. Essa orientação, conforme Dias (Ibid.: 106), não existe porque há alguns índices na linguagem que permitem localizar certo enunciado em determinada situação de mundo, mas sim porque é própria do caráter do signo lingüístico.

A significação na língua, nos estudos bakhtinianos, não é constituída como unívoca, mas sim dotada de um caráter flexível, plástico e renovável. Conforme atesta Faraco (2001a), com os estudos de Bakhtin parece ser possível, pela primeira vez, pensar a linguagem

para além das amarras de um raciocínio dicotômico [...], pensar as questões do signo para além da campânula dos sistemas formais, dos códigos que tudo prevêem [...], parece possível entender os processos de significação como ao mesmo tempo relativamente estáveis e sempre abertos, porque percebidos como ações de natureza social, dependentes de relações sociais (FARACO, 2001a: 122).

Talvez seja essa questão do dialogismo uma das principais distinções entre o pensamento de Bakhtin e de Benveniste.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 5. ed. São Paulo: HUCITEC, 1990.
2. BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
3. DIAS, Luiz Francisco. Significação e forma lingüística na visão de Bakhtin. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. 2. ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2005.
4. FARACO, Carlos Alberto. O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2001a.
5. _____. Bakhtin e os estudos enunciativos no Brasil: algumas perspectivas. In: BRAIT, Beth (Org.). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. São Paulo: Pontes, 2001b.
6. PIRES, Vera Lúcia. Sujeito e sentido em Bakhtin e Benveniste: os pontos de contato. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 39, nº 4, dez, 2004.
7. NORMAND, Claudine. Saussure - Benveniste. In: *Letras*. Programa de Pós-Graduação em Letras. Santa Maria, nº 33, mar., 2007.
8. TROIS, João Fernando de Moraes. O “retorno a Saussure” de Benveniste: a língua como um sistema de enunciação. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 39, nº 4, dez, 2004.

RESUMO: Neste artigo, tentamos nos aproximar de uma das questões mais complexas na história da Lingüística: o problema da significação na língua. Para isso, nossas discussões estão centradas nas definições de Benveniste e de Bakhtin sobre a significação da língua, tentando aproximar o enfoque desses dois autores acerca de um mesmo assunto. Trata-se de uma possível leitura em que procuramos observar certos aspectos que parecem comuns na forma como Benveniste e Bakhtin refletem sobre a significação na língua. Nesse sentido, optamos pelo viés que talvez seja o mais polêmico – o de estabelecer pontos de contato entre esses dois grandes lingüistas, como observa Pires (2004). Para estabelecermos essas relações, tomamos como base principalmente as unidades que, na perspectiva de Benveniste e Bakhtin, integram a significação como um todo. Para o primeiro autor, a significação pode ser observada por meio dos níveis *semântico* e *semiótico* e, para o segundo, a significação é composta pelo *tema* e *significação* (sentido particular do termo). Com base nos textos *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929), de Bakhtin/Voloshinov (1990), e os seguintes textos de Benveniste (1989), *A forma e o sentido na linguagem* (1966), *Semiologia na língua* (1969) e *O aparelho formal da enunciação* (1970), comparamos, de um lado, os modos *semiótico* (Benveniste) e *significação* (Bakhtin) e, por outro, os modos *semântico* (Benveniste) e *tema* (Bakhtin).

PALAVRAS-CHAVE: significação; sentido; forma.

ABSTRACT: In this paper, we attempt to approach of one of the most intricate controversy of the Linguistics' history: the problem of meaning in language. Our discussions focus Benveniste and Bakhtin's definitions about meaning in language. It means a possible reading in which we attempt to

notice aspects in both authors about meaning in language. For all that, we choose maybe the most polemical way, settling resemblances in both authors, as well as Pires (2004) says. In order to settle these resemblances we select units that integrate the meaning according to Benveniste and Bakhtin's theories. In Benveniste's thinking meaning can be noticed through semantic and semiotic levels; in Bakhtin's thinking meaning is composed by theme and meaning (in a single sense). We compare semiotic level from Benveniste's theory and meaning from Bakhtin's theory as far as semantic level from Benveniste's theory and theme from Bakhtin's theory based on the following reference works: *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (Bakhtin/Voloshinov, 1929/1990), *A forma e o sentido na linguagem* (Benveniste, 1966), *Semiologia na lingua* (Benveniste, 1969) and *O aparelho formal da enunciação* (Benveniste, 1970).

KEYWORDS: signification; meaning; shape.

Recebido no dia 05 de junho de 2009.

Artigo aceito para publicação no dia 01 de agosto de 2009.